

## As manifestações culturais no contexto das festas juninas espetacularizadas da cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano

Janio Roque Barros de Castro

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CASTRO, JRB. As manifestações culturais no contexto das festas juninas espetacularizadas da cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia* [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 113-126. ISBN 978-85-232-1238-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# As manifestações culturais no contexto das festas juninas espetacularizadas da cidade de Cachoeira, no Recôncavo baiano

---

*Janio Roque Barros de Castro*

## **Introdução**

Dentre as várias manifestações festivas do calendário cultural brasileiro destacam-se as festas juninas, por sua importância como prática cultural arraigada no imaginário coletivo, notadamente na Região Nordeste do Brasil. Essa prática festiva, antes relacionada à dimensão comunitária e às festas na casa de familiares e amigos, ampliou-se e se tornou mais complexa, envolvendo diversos agentes

e espaços. Comemora-se o ciclo junino na casa, na rua, com a família, com amigos, em grupos, em praças públicas ou em espaços festivos privados. A partir, sobretudo, dos anos 1970, esse novo desenho das festas do ciclo junino começou a ser esboçado pela iniciativa de prefeituras, empresas, comerciantes e de segmentos dos governos dos estados nordestinos, que passaram a investir na espetacularização das festas juninas como estratégia de projeção midiática e turística das cidades.

Segundo pesquisas de folcloristas brasileiros como Rossini Tavares de Lima (1961) e Luís da Câmara Cascudo (1954), as festas juninas do passado (até meados do século XX) eram eventos familiares ou do entorno imediato das unidades residenciais. A leitura de jornais de época e as entrevistas com pessoas que participaram intensamente de festas do ciclo junino no passado indicam claramente que, a partir da metade do século XX, principalmente depois da década de 1970, quando se intensifica o processo de urbanização no Brasil, essa modalidade festiva se ampliou espacialmente e passou a acontecer em áreas públicas (ruas, praças) concentrando multidões em algumas unidades urbanas brasileiras como a cidade de Cachoeira.

A cidade de Cachoeira foi uma das pioneiras na promoção de festas juninas espetacularizadas no espaço urbano. Segundo a Revista Viver Bahia, edições n. 21 e n. 33, a primeira experiência festiva dessa natureza ocorreu no ano de 1972 por iniciativa da Bahiatursa - Empresa de Turismo da Bahia, em um período de recente tombamento da cidade como patrimônio nacional. Desde a primeira edição a festa é realizada na Avenida Virgílio Reis (Rua do Cais) que margeia o rio Paraguaçu, aproveitando-se de todo o simbolismo cultural de uma feira livre que acontece na orla fluvial de Cachoeira, chamada de Feira do Porto, onde, no passado, se comercializavam produtos juninos típicos. O auge da Feira do Porto como mercado periódico regional ocorreu no período da conexão multimodal do sistema de transportes de Cachoeira, quando havia uma intensa movimentação de transeuntes entre a estação, o ponto de ônibus e o então importante porto fluvial (atualmente desativado). Nos anos 1970, quando o rodoviarismo se consolida, as opções hidroviárias e ferroviárias são extintas, a festa junina nas imediações do antigo porto inicia seu ciclo, com concursos de quadrilhas, de barracas, samba de roda, trança-fita e outros folguedos populares.

A Bahiatursa, autarquia promotora do turismo no Estado da Bahia, patrocinou e organizou a festa junina de Cachoeira, contribuindo de forma decisiva para a turistificação do evento. A partir de meados da década de 1970, a Bahiatursa começou aos poucos a passar a realização do evento para a prefeitura local.

No presente capítulo, analisa-se o papel de importantes manifestações culturais, como o samba de roda e outras práticas lúdicas e festivas no contexto das festas juninas espetacularizadas da cidade de Cachoeira. Essas manifestações trazem para o espaço público, no ápice da visibilidade pública e midiática do ciclo junino, aspectos de seus respectivos lugares de origem e elementos que evidenciam suas tramas estéticas e brincantes. Para elaboração do trabalho de pesquisa, partiu-se inicialmente de observações, caracterização e contextualização do objeto de estudo e da elaboração de um referencial teórico-conceitual. Para se entender como eram realizadas as festas juninas do passado, sobretudo no período compreendido entre o início do século XX e a década de 1970, utilizou-se jornais de época, revistas e entrevistas. Para a leitura das festas juninas do presente analisaram-se projetos de festas, fizeram-se trabalhos de campo e entrevistas. Analisaram-se também documentos institucionais como o plano diretor urbano de Cachoeira.

Inicialmente, parte-se de uma apreciação preliminar sobre os sentidos do festejar e as origens das festas juninas brasileiras para, posteriormente, analisarem-se as especificidades das festas juninas da cidade de Cachoeira, com ênfase nas manifestações culturais locais como o samba de roda.

### **Concepções de festas e sentidos do festejar: uma apreciação preliminar**

Qual ou quais os sentidos da festa? Como são concebidos os espaços festivos da contemporaneidade? Na concepção de Jean Duvignaud (1983), as festas se configuram como eventos que determinam uma ruptura da vida social caracterizada pela produção de um tempo e de uma forma de vivência momentaneamente alternativos ao cotidiano burocratizado e normatizado pelas regras de conduta social. Para a adesão a essa realidade paralela

e efêmera, criam-se sujeitos ou grupos imaginários que podem ser seres míticos ou mesmo grandes personalidades; nesse contexto, um operário assalariado pode se transformar em um príncipe ou rei, como lembra o antropólogo Roberto DaMatta. Nessa perspectiva, a festa urbana se constituiria em uma metamorfose transitória de papéis sociais, consignando uma ruptura do cotidiano funcional, como destacam alguns autores.

As festas populares se constituem em uma importante manifestação cultural que pode ter sua origem em um evento sagrado, social, econômico ou mesmo político do passado e que, constantemente, passam por processos de recriações e atualizações; como destaca Paul Claval (1999), a cultura, como herança transmitida, pode ter sua origem em um passado longínquo, porém não se constitui em um sistema fechado, imutável de técnicas e comportamentos. Esta concepção de cultura como sistema aberto permite ao pesquisador compreender o dinamismo de algumas manifestações culturais que preservam elementos importantes e que representam a ponte entre o passado, o mito fundante e o presente. Para que ocorram as mudanças, transformações e reinvenções das práticas culturais, os contatos são fundamentais, como lembra Claval (1999), e, nesse aspecto, notou-se uma intensificação das formas de informação e comunicação nas últimas décadas. Por outro lado, o viés mercadológico e espetacular de algumas festas do presente desvincula a relação entre o ato de festejar e a rememoração, o conhecimento histórico, um mito fundante ou mesmo uma prática de reatualização, como destacam autores como Mircea Eliade (1992) e Luis da Câmara Cascudo (1969). O enfoque lúdico-cultural, eivado de simbolismo, se diferencia da prática festiva como entretenimento efêmero, assentado no lazer e na diversão, como ressaltou Hannah Arendt (2002), constituindo-se fundamentalmente em uma prática presenteísta, que, em muitos aspectos, realça o passado como um pano de fundo ou na perspectiva da estetização do espaço festivo. Evidentemente que não se defende nesse trabalho a manutenção de práticas festivas essencialistas, determinadas por uma suposta aura que as mantenham imutáveis ao longo do tempo; a sociedade é dinâmica, por isso o ato e os significados do festejar se diferenciam ao longo do tempo. As reflexões sobre a diferença entre as festas de rememoração, com fortes vínculos com práticas do passado, e as festas de entretenimento, cuja finalidade é promover o lazer, a diversão

ou determinada celebração do presente, tem o objetivo de apresentar uma contextualização de algumas facetas da prática festiva do povo brasileiro. As festas juninas, objeto do presente capítulo, assim como outras manifestações festivas, oscilam entre as duas acepções anteriormente abordadas.

Pode-se afirmar que as seculares festas de São João se constituem em tradição no Brasil, originárias de áreas rurais, apresentando uma distribuição espacial pontual (encontros entre familiares) e repetitiva (reuniões no entorno das fogueiras). Além do ponto havia o fluxo: as pessoas se deslocavam de forma difusa para outras residências para dançar, degustar comidas típicas, beber os tradicionais licores, soltar fogos, dentre outras práticas. Aos poucos, esses hábitos foram progressivamente urbanizados, sendo que há elementos dos antigos costumes que foram reinventados.

### **Origem das festas juninas brasileiras**

Segundo o pesquisador Luís da Câmara Cascudo (1969), as festas juninas brasileiras foram recriações de outras festividades européias, mais especificamente portuguesas, tinham um caráter familiar e/ou eventualmente comunitário e eram envoltas de uma atmosfera ritualística permeada por aspectos religiosos e míticos.

Segundo relatos bíblicos, Isabel, a mãe de João Batista, era estéril e estava em uma idade avançada. Mesmo em meio a essas adversidades ela engravidou e disse a sua prima Maria, que seria mãe de Jesus Cristo, que comunicaria o nascimento de seu filho acendendo uma grande fogueira. O filho de Isabel seria o profeta João Batista, que iria batizar Jesus Cristo nas águas do rio Jordão e seria o anunciador da vinda do Messias. Esta versão ligada à sacralidade explicaria a prática de se acender fogueira no dia 23 de junho. Por outro lado, alguns pesquisadores atribuem o ato de se acender as fogueiras às práticas européias pagãs; alguns povos viam no fogo um elemento mágico para espantar as pestes da lavoura. Na dimensão mítica folclórica afirma-se que São João dorme no ápice profano das festas juninas. Caso acordasse e presenciasse a forma como se comemora seu nascimento, ele desceria do céu e perderia a santidade. É importante lembrar que o São João comemorado no Nordeste brasileiro na dimensão profana é

o Santo na sua infância, como retratam alguns quadros pintados com um menino mestiço com cabelos encaracolados segurando um carneirinho.

As festas juninas da Região Nordeste do Brasil são eventos predominantemente profanos, mas que têm sua origem em elementos do sagrado, reinventados pela cultura popular e redesenhados no espaço urbano. Para Eliade (1992), as festas de matriz religiosa estão ligadas às práticas e aos rituais de reatualização de eventos e fatos pretéritos. Isto não se aplica, no entanto, às festividades juninas atuais, nas quais não se nota esta preocupação com a memória coletiva nem com atos e eventos semidivinos do tempo sagrado. As fogueiras que simbolizariam um esboço de reatualização de eventos continuam sendo construídas na frente das casas mesmo em um contexto de grandes palcos urbanos dos espetáculos, entretanto seu sentido é predominantemente profano.

Santo Antônio, São João e São Pedro são Santos venerados pelo catolicismo oficial a partir de ritos litúrgicos formais e festejados pelo catolicismo popular através de práticas criadas e reinventadas pelo povo ao longo do tempo. São João é o único Santo do calendário católico brasileiro que é festejado na data de seu nascimento. Em torno dos festejos religiosos e populares de São João, que representa o clímax do ciclo junino, existe uma miríade de lendas, superstições, misticismo e simpatias, que se mesclam com práticas ligadas ao sagrado, ao profano e ao mítico, em uma atmosfera sincrética em que os elementos da natureza são essenciais. Nesse contexto, no qual o sagrado, o profano e o mítico se interpenetram e se mesclam, as festas juninas são reinventadas ludicamente nas casas, nas ruas, na dimensão comunitária, com grupos de amigos e em família.

### **O samba de roda e o Grupo Cultural “Esmola Cantada” nas megafestas juninas de Cachoeira**

A cidade de Cachoeira se constitui no segundo mais importante conjunto arquitetônico do Estado da Bahia, notabilizado por sua diversidade e potencializado esteticamente por sua localização geográfica. Ao patrimônio cultural edificado soma-se o patrimônio natural e paisagístico do entorno. Neste quadro material destaca-se uma miríade de manifestações culturais

festivas e religiosas conhecidas internacionalmente, como a festa de Nossa Senhora da Boa Morte, de projeção regional, nacional e global e a festa junina urbana na orla fluvial. Esses eventos culturais se constituem no espaço-tempo de maior visibilidade para importantes manifestações culturais locais e regionais, como o samba de roda, tombado como patrimônio imaterial brasileiro em 2004, e em 2005 inscrito na relação das obras primas do patrimônio oral e imaterial da humanidade pela UNESCO.

Na programação do São João de Cachoeira nota-se uma mescla de atrações de inserção na grande mídia brasileira com as manifestações culturais locais. Alguns folguedos do início dos anos 1970 ainda estão presentes como prática cultural ativa, outros foram incorporados à festa concentrada ao longo do tempo. Alguns se mantêm como práticas residuais ou como exibições esporádicas, intermitentes, ou mesmo quase extintas, como desafio de violeiros e algumas brincadeiras infantis, como o quebra-pote. Algumas modalidades lúdicas festivas do ciclo junino que ocorreram em Cachoeira nas décadas de 1970 e 1980 foram retomadas e atualizadas por outros polos juninos da atualidade, como as dramatizações satíricas, nas quais se encenam situações pitorescas do cotidiano rural de pequenas cidades cenográficas, e a literatura de cordel, que foram adotadas pelos organizadores das festas juninas da cidade de Amargosa, na Bahia.

Um importante folguedo cultural de Cachoeira é o Grupo Cultural “Esmola Cantada”, que surgiu no bairro Ladeira da Cadeia entre as décadas de 1940 e 1950, com o objetivo de arrecadar contribuições para se realizar a festa religiosa em homenagem a Santa Cruz, padroeira daquela comunidade. O grupo solicita os donativos entre os meses de agosto a novembro, abordando os moradores em suas casas com cânticos religiosos animados com instrumentos tipicamente utilizados no samba de roda, como pandeiro, atabaques, viola e cavaquinho. Ao receber os donativos do morador, os integrantes do grupo substituem o cântico religioso pelo samba de roda, em agradecimento à colaboração em dinheiro recebida. O grupo “Esmola Cantada” começou a se apresentar no São João de Cachoeira na década de 1990 e atualmente é um dos mais popularizados.





Figura 1: Capela improvisada com as imagens dos três santos da época junina: Santo Antônio, São João e São Pedro, em Cachoeira, Bahia. Fonte: O autor.

As manifestações culturais locais, os grupos de samba, o folguedo bumba-meu-boi e o grupo cultural “Esmola Cantada” se apresentam geralmente à tarde ou no início da noite. Apesar do tradicional samba de roda de Cachoeira se apresentar em outras festas populares, o São João pode ser considerado o evento através do qual se atinge o ápice da visibilidade pública e midiática. Todos os folguedos que se apresentam em Cachoeira são ativos, ou seja, fora do ciclo junino se apresentam no próprio local de origem, em outros bairros de Cachoeira, como também em outros municípios da Bahia. No passado já se colocou experimentalmente o samba de roda e outras apresentações locais no chamado “horário nobre” do espetáculo junino, a partir das 22 horas, no entanto, nos últimos anos, as apresentações culturais locais voltaram a se apresentar no palco

principal à tarde e no início da noite. Nota-se claramente que a opção dos promotores das festas juninas de Cachoeira é conciliar o viés cultural das festividades juninas com as chamadas grandes atrações (artistas famosos nacionalmente) que se apresentam nas noites e madrugadas. Os gestores públicos municipais buscam aliar as peculiaridades culturais locais com a espetacularização imagética dos cantores famosos, visando consolidar a turistificação sazonal.

Um aspecto marcante no São João de Cachoeira é a relação entre folgado musical, seu lugar de origem e as matrizes culturais nas quais se insere: Samba de Roda Filhos do Caquende (nome em homenagem a um bairro muito conhecido localmente); Samba de Roda Filhos de Nagô e Filhas de Yasmim; Samba de Roda Filhos de Ogum (nomes que prestam homenagem a divindades ou expressões das religiões de matriz afro-brasileiras); Samba de Roda Filhos do Varre Estrada (bairro da vizinha cidade de São Félix), entre outros. O nome dos grupos de samba de roda representa uma homenagem à toponímia do local de origem, que corresponde ao espaço onde habita a maioria dos integrantes ou então o local onde foi fundado aquele grupo musical e que, por isso, se constitui em lugar pela sua dimensão histórica, identitária e relacional, conforme proposição de Marc Augé (1994). Essa leitura do lugar a partir do folgado é topológica, toponímica, transtemporal e transcendental, estando relacionada à ancestralidade em uma dimensão mítica e étnica, por isso aparecem denominações ligadas aos cultos de matriz afro-brasileira.

Mesmo para aqueles moradores de Cachoeira que não frequentam o espaço festivo no período junino, a menção aos nomes das manifestações culturais musicais, dançantes ou cantantes, de determinadas ruas da cidade, é motivo de orgulho. Nesse contexto de valorização toponímica dos folguedos, os grupos culturais levam para o público e para os meios de comunicação no tempo/espaço festivo do ciclo junino urbano o topônimo de origem que dá nome ao folgado, a sua gíngua dançante, ou faz menção a seu bairro em letras de forte conotação telúrica e bairrista, como nos trechos entoados pelo grupo “Esmola Cantada”:

Da ladeira da cadeia eu cheguei pra vadiar,  
Pra vadiar, eu cheguei para vadiar,

Da ladeira da cadeia eu cheguei pra vadiar,  
Pra vadiar, eu cheguei para vadiar.  
Ê beira do rio camarada, quem te ensinou vadiar?  
Quem te ensinou? Quem te ensinou vadiar?  
Ê beira do rio camarada, quem te ensinou vadiar?  
Quem te ensinou? Quem te ensinou vadiar?  
Cachoeira, eu moro em Cachoeira,  
Eu moro em Cachoeira, na Ladeira da Cadeia.  
Cachoeira, eu moro em Cachoeira,  
Eu moro em Cachoeira, na Ladeira da Cadeia.  
(Autoria: Grupo Esmola Cantada)

Em meio à espetacularidade das festas juninas, existe o explícito desejo de determinadas manifestações culturais de fazerem apologia ao lugar, não como espaço funcional, mas como elemento cultural multi-identitário. A expressão “vadiar” utilizada em rodas de samba do Estado da Bahia não está relacionada à ociosidade ou preguiça de um suposto vadio; relaciona-se à ludicidade assentada na mobilidade ora errante ora direcionada do sujeito. Vadiar é andar de forma descontraída, sem compromisso e nem hora para chegar em algum lugar; aliás, pode até nem se ter um lugar para ir. É flunar, passear. É a ginga dançante espontânea do sambador. Pode-se “vadiar” de forma solitária ou na perspectiva grupal, em rodas de samba entre familiares e amigos, ou em meio à trama estética da espetacularidade das festas juninas de cidades como Cachoeira. Como revela a música, a conotação interpontual do deslocamento do folguedista/folião, do bairro da Ladeira da Cadeia para o espaço festivo, é um indicativo de que não se trata de um deslocamento totalmente fundamentado em um estado de efêmera desorientação espacial; trata-se de um trajeto que se alterna incessantemente do canalizado e pontualizado, quando se dirige para a festa e daí para o palco ou no seu retorno para casa, ou, por outro lado, parcialmente errante quando ocorre a circularidade pela cidade ou pelo espaço festivo e por seu entorno. A apologia topofílica aparece imiscuída nas letras das músicas que são cantadas de forma emotiva e envolvente pelos artistas/folguedistas locais.

Eventualmente notam-se algumas ilações de alguns turistas de eventos ou mesmo moradores de Cachoeira que arguem, sob uma atmosfera nostálgica, que várias manifestações culturais foram extintas nas festas juninas atuais, nas quais se prioriza o forró eletrônico em detrimento das potencialidades culturais da referida cidade. O forró eletrônico, que se assemelha à lambada, é uma modalidade musical mais rápida, sensual e que, por isso, atrai muito os jovens.

No presente trabalho, parte-se da concepção de reinvenção festiva de determinadas práticas culturais, que se modificam no traslado histórico da dinâmica social na contemporaneidade, quando os meios de comunicação e informação mesclam, interpenetram e hibridizam as manifestações culturais em uma velocidade bem maior do que no passado. O folião da cidade de Salvador, ou de outras localidades, que optou por passar o São João em Cachoeira, atraído pela ginga e estética corporal envolventes do samba de roda, pode ser o mesmo que apreciará a música popular brasileira ou outras modalidades musicais como o forró eletrônico nas noites juninas da orla fluvial dessa cidade.

Apesar de se reconhecer a dinâmica cultural analisada sob a ótica das coexistências e da diversidade, deve-se destacar que em Cachoeira existem muitas pessoas e alguns segmentos culturais que se contrapõem a esse modelo de festa junina espetacularizada em uma dimensão turística e reivindicam a promoção de um evento festivo mais horizontal e espontâneo, na dimensão comunitária, a partir do protagonismo estético das manifestações culturais locais. Não existem, no entanto, conflitos explícitos, mas, apesar de ser a pioneira na promoção de festas juninas concentradas e espetacularizadas, essa modalidade de evento é vista com ressalvas e com um relativo estranhamento por parte da população de Cachoeira, que valoriza, como marcas locais, outras manifestações, como a festa de Nossa Senhora da Boa Morte, que acontece no mês de agosto, ou aderem a outra prática brincante: a festa de Nossa Senhora da Ajuda. Esses festeiros locais, no período junino, oscilam o seu raio de circularidade entre a casa e seu entorno imediato, como ruas adjacentes, valorizando a dimensão comunitária, na mesma noite na qual as chamadas “grandes atrações” se apresentam para uma massa festiva formada por milhares de pessoas na orla fluvial. Curiosamente, algumas pessoas de Salvador aderem a essa for-

ma de experiencição do ciclo junino, enquanto que milhares de outras se deslocam para a macrofeira: São questões, embates e peculiaridades das feitas juninas de Cachoeira.

## Reflexões finais

O caráter espetacular, a cooptação político-partidária e os ditames mercadológicos que envolvem as grandes feitas populares da atualidade fizeram com que esses eventos perdessem seu viés celebrativo, como se afirma de forma recorrente?

Acredita-se que se deve revisitar o conceito de celebração festiva. Em primeiro lugar, pode-se afirmar que houve uma clara diminuição de práticas e ritos ligados à dimensão religiosa de muitas festividades, no entanto, para além das celebrações totalizadoras da dimensão do sagrado, existem as microcelebrações em família, na dimensão profana, que podem ocorrer em meio à feita junina espetacularizada: comemoram-se aniversários, casamentos, férias, uma vez que no Nordeste brasileiro é muito comum sair de férias no mês de junho para aproveitar as feitas de São João. O poder reinventivo das pessoas faz surgir, nos interstícios macroespaciais da espetacularidade, modalidades de práticas que poderão propiciar, em contexto prospectivo, novos enfoques aos sentidos do festejar.

A megafeita junina de Cachoeira divulga os folguedos populares, reforça vínculos telúricos e topofílicos dos festeiros com o lugar de origem (rua, bairro, localidade) e se constitui no espaço/tempo de maior visibilidade das manifestações culturais locais. Os folguedistas cantam em homenagem a sua cidade ou a seu bairro, e, ao mesmo tempo, publicizam sua forma de festejar o São João em uma cidade notabilizada por sua potencialidade cultural.

Com as grandes feitas realizadas nas praças públicas de cidades da região Nordeste do Brasil, como Cachoeira, pode-se falar no fim das pequenas feitas nas casas? A resposta é não. Entende-se que as feitas juninas familiares, comunitárias e residenciais permanecem como eventos festivos reinventados. As manifestações culturais, como os vários grupos de samba de roda, ainda se apresentam nas casas de alguns participantes, no

entorno residencial, mas se estenderam para outros bairros, para a sede do folgado. Durante as festas juninas, esses grupos se apresentam para milhares de pessoas, levando para o espaço público e para os meios de comunicação (TV, rádio e jornais), através de suas letras musicais e da ginga dançante, aspectos da dinâmica sociocultural dos seus respectivos lugares de origem, aspectos de ludicidade e de afetividade.

## Referências

ARENDT, Hanna. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2002.

AUGÉ, Marc. **Não lugares** – Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas: Papyrus, 1994.

BAHIA. Secretaria de Turismo/Bahiatursa. **Projeto São João da Bahia: a maior festa regional do Brasil**. Salvador, 2008.

BAHIATURSA. **Revista Viver Bahia**, n. 33. Revista mensal da Bahiatursa. Matéria: Aqui os sinos de Aleluia são envolvidos pelo som dos trios. Salvador: Sistema Estadual de Turismo (Secretaria da Indústria e Comércio)/Coordenação de fomento ao turismo, junho de 1976.

BAHIATURSA. **Revista Viver Bahia**, n. 21. Revista mensal da Bahiatursa. Matéria: Em busca dos balões perdidos. Salvador: Sistema Estadual de Turismo (Secretaria da Indústria e Comércio)/Coordenação de fomento ao turismo, 1975.

BRANDÃO, Carlos. R. **A cultura na rua**. Campinas: Papyrus, 1989.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore do Brasil: pesquisas e notas**. Brasil/Lisboa: Fundo de Cultura, 1969.

\_\_\_\_\_. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1954.

CASTRO, Janio Roque Barros de. As festas em louvor a São João Batista na Bahia: práticas devocionais e elementos míticos na interface sagrado/profano. In: SERPA, Angelo (Org.). **Espaços Culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 181- 197.

CASTRO, Janio Roque Barros de. **Dinâmica territorial das festas juninas na área urbana de Amargosa, Cachoeira e Cruz das Almas - BA: espetacularização, especificidades e reinvenções**. 2008. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia – UFBA.

CLAVAL, Paul. Geografia Cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999. p. 59-97.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

\_\_\_\_\_. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DUVIGNAUD, Jean. **Festas e civilizações**. Tradução de L. F. Raposo Fontenelle. Fortaleza: UFCE/Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. Tradução de Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LIMA, Elisabeth C. de Andrade. **A fábrica dos sonhos: a invenção das festas juninas no espaço urbano**. João Pessoa: Idéia, 2002.

LIMA, Rossini Tavares de. Alguns complexos culturais das festas joaninas. **Revista Brasileira de Folclore**, ano I, n. 1, Rio de Janeiro, setembro/dezembro de 1961.

JACQUES, Paola B. Elogio aos Errantes: a arte de se perder na cidade. In: JACQUES, Paola Berenstein; JEUDY, Henri Pierre (Org.). **Corpos e cenários urbanos: territórios urbanos e políticas culturais**. Tradução de Rejane Janowitz. Salvador: EDUFBA / FAUFBA, 2006.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo, DIFEL, 1983.

\_\_\_\_\_. **Topofilia**. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

Periódicos: jornais

BAILE E FORRÓ na feira do Porto: Quadra Montezuma. **Jornal A Cachoeira**, n. 1.626. Cachoeira, 27 de maio de 1973.

CORDÕES, blocos e batucadas. **Jornal Nossa Terra**, n. 29. Cruz das Almas, 20 de fevereiro de 1955.

NOITE de São João. Poema de Sabino Campos. **Jornal A Cachoeira**, n. 816. Cachoeira, 24 de novembro de 1957.